31. Agosto. 1990.-

TL722

[redacted], meu atrevido jovem

Os meus abraços de estima a vós todos e um forte puxão de orelhas pelo seu atrevimento - normalmente, quando se sabe que alguém sofre de reumatismo cerebral, a gente deve consolá-lo, mandando-lhe medicamentos para o tratamento e propondo muito descanso, etc, e o companheiro, além de não cumprir todas estas regras de ética profissional (já que, se não morrer até lá, eu serei o paciente mais pobre que lhe baterá a porta da clínica), ainda se atreveu a classificar o meu pobre estado de saúde de "desânimo"...

Não, meu irmão, não se aflija pois nem uma pontinha de desânimo se meteu num só poro do meu corpo. Fiquei apenas perturbado pelo facto de se estar a pensar que faço as coisas para me colocar na lua, quando tenho a consciência limpa de que me tenho orientado, por princípio, a cumprir o que me foi entregue pela Luta. Na verdade, não posso negar que estaja a "liderar" (e eu gostaria de dizer: orientar, dirigir) um processo. Aqui, no orientar, é que se coloca o meu papel, aqui é que se coloca a minha missão, o meu dever! Mas MISSÃO, DEVER e não e nunca ambição pessoal! Tenho medo, meu irmão, e não me envergonho de dizer: tenho medo de ser "lider"! Nisto, considerem-me o mais cobarde.

É deveras bastante confuso para vós, que não partilhais comigo estes últimos 13 anos. Tenho chorado de tristeza quando me vejo a mim mesmo, ao espelho da introspecção, e procuro varrer sempre com vassouras de espinho a mais leve mancha de orgulho. Agora, vou ler, por exemplo, descrições assim: nunca ninguém supunha que viesse a ascender à liderança... e é verdade e torna-se difícil compreenderem o que me vai na alma. Veja, meu irmão: em 1980, quando passei para os Centros e, depois de certificar o que já mais ou menos sabíamos, chorei com os meus homens (60 e tal que me acompanharam e quase todos tombaram já) a minha própria angústia. Éramos ainda 3 os sobreviventes e eu conhecia-os nas suas qualidades. O irmão Bukar era o mais antigo e exercera já funções de maior responsabilidade que eu. Eu apenas fora nomeado responsável da PL, no momento da ruptura de Matebian, em que tanto o grosso das forças e de quadros de todos os escalões tinham sido indicados para irem aos Centros juntarem-se com o resto do País, enquanto permaneceria eu com uma companhia e alguns quadros para desenvolvermos a guerrilha na PL. Bukar, assim como outros quadros e forças, regressou à PL, porque nos Centros não só não houve muita receptividade por parte das organizações de resistência locais como imperava um clima de confusão e desconfiança, por causa do Sky Light que já dispersara as suas redes.

Pois bem, não foi pelo facto de eu estar acompanhando, naquela ocasião, um papel de responsável mas pelo conhecimento que eu detinha dos meus 2 companheiros, membros do CC, ainda sobreviventes comigo... a minha

E, caríssimo jovem, eu continuo com medo. Neste momento, não me orgulho por estar sendo um líder e quando leio elogiosas referências a meu respeito, fico triste por saber que não correspondem à verdade, por saber que fazem parte da impressão longínqua de uma representação ideal e o pensamento é fértil de imaginações, tanto mais que as emoções ajudam a construir o aspecto lendário dessa impressão. Eu alerto-me sempre para nunca esquecer, um só momento, o chão em que durmo e do kaleik que eu compartilho com os meus combatentes. (Se lavastes o rolo da reunião do CNRM, vereis que umas chapas trazem kaleik, inteiro e que estava a ser batido com uma pedra, e, noutras, depois de uns dias de "hoban iha be", havia outros guerrilheiros que cortavam em fatias para ser cozido... no marotok). Se às vezes sou levado por alguns momentos de verdadeira emoção, nesta guerra, é apenas quando me sinto moral (e politicamente) confortado pelo carinho e amor que o nosso Povo me oferece, por não ter traído as suas aspirações, assim como a inteira dedicação a mim e pela confiança que este punhado de combatentes... que aceitaram, num momento difícil, que eu os comandasse... para prosseguirmos a obra dos nossos imortais antecessores.

Nas eleições de Março, só havia a lista dos candidatos para novos membros do CCF. Com relação a mim, eu já tinha abordado previamente com todos, em grupos maiores ou menores, consoante vinham chegando, que eu seria o CPN e Comandante das FALINTIL... e a eleição foi apenas uma pró-forma. Não usurpei o lugar a ninguém; com consciência, eu sei que respondi apenas a uma chamada da Luta. Aqui, no mato, ninguém ofuscou a imagem de NICOLAU LOBATO nem ninguém esqueceu LEAR, SAHE, HATA, JUVENAL, KRUMA e os demais. Ninguém, nenhum de nós. As condições emocionais e ideológicas com que os venerávamos foram cedendo lugar à necessidade de estabelecermos uma dupla imagem dos nossos imortais: como dirigentes da Libertação Nacional e como mentores ideológicos de um processo. Julgamos que os conhecemos um bocadinho melhor que os militantes da UDT que estiveram nas Bases de Apoio e depois foram prestar declarações lá fora e foi, com perplexidade, que reparámos que declarações de militantes da UDT eram mais credíveis que declarações de membros de CC, que éramos nós... e aqui estava já também um ponto da nossa desonestidade: fomos mentir a todos!

Nós pensamos que qualquer reparo, pertinente, sobre desonestidade da nossa parte, deveria relacionar-se à análise que tecêramos dos erros militares dos nossos imortais que provocaram o grande desastre militar de '77/'78 e nunca no campo meramente ideológico. Inclusivamente, para que saibam, embora o veneremos (mais do que ninguém e disto ninguém nos convencerá do contrário), o saudosissimo NICOLAU LOBATO, "condenamo-lo" pela falta de flexibilidade de tácticas... na qual se deve ver a sua morte, pela qual se deve compreender a sua enorme perda.

E, caríssimo jovem, eu continuo com medo. Neste momento, não me orgulho por estar sendo um líder e quando leio elogiosas referências a meu respeito, fico triste por saber que não correspondem à verdade, por saber que fazem parte da impressão longínqua de uma representação ideal e o pensamento é fértil de imaginações, tanto mais que as emoções ajudam a construir o aspecto lendário dessa impressão. Eu alerto-me sempre para nunca esquecer, um só momento, o chão em que durmo e do kaleik que eu compartilho com os meus combatentes. (Se lavastes o rolo da reunião do CNRM, vereis que umas chapas trazem kaleik, inteiro e que estava a ser batido com uma pedra, e, noutras, depois de uns dias de "hoban iha be", havia outros guerrilheiros que cortavam em fatias para ser cozido... no marotok). Se às vezes sou levado por alguns momentos de verdadeira emoção, nesta guerra, é apenas quando me sinto moral (e politicamente) confortado pelo carinho e amor que o nosso Povo me oferece, por não ter traído as suas aspirações, assim como a inteira dedicação a mim e pela confiança ~~que~~ este punhado de combatentes... que aceitaram, num momento difícil, que eu os comandasse... para prosseguirmos a obra dos nossos imortais antecessores.

Nas eleições de Março, só havia a lista dos candidatos para novos membros do CCF. Com relação a mim, eu já tinha abordado previamente com todos, em grupos maiores ou menores, consoante vinham chegando, que eu seria o CPN e Comandante das FALINTIL... e a eleição foi apenas uma pró-forma. Não usurpei o lugar a ninguém; com consciência, eu sei que respondi apenas a uma chamada da Luta. Aqui, no mato, ninguém ofuscou a imagem de NICOLAU LOBATO nem ninguém esqueceu LEAR, SAHE, HATA, JUVENAL, KRUMA e os demais. Ninguém, nenhum de nós. As condições emocionais e ideológicas com que os venerávamos foram cedendo lugar à necessidade de estabelecermos uma dupla imagem dos nossos imortais: como dirigentes da Libertação Nacional e como mentores ideológicos de um processo. Julgamos que os conhecemos um bocadinho melhor que os militantes da UDT que estiveram nas Bases de Apoio e depois foram prestar declarações lá fora e foi, com perplexidade, que reparámos que declarações de militantes da UDT eram mais credíveis que declarações de membros de CC, que éramos nós... e aqui estava já também um ponto da nossa desonestidade: fomos mentir a todos!

Nós pensamos que qualquer reparo, pertinente, sobre desonestidade da nossa parte, deveria relacionar-se à análise que tecêramos dos erros militares dos nossos imortais que provocaram o grande desastre militar de '77/'78 e nunca no campo meramente ideológico. Inclusivamente, para que saibam, embora o veneremos (mais do que ninguém e disto ninguém nos convencerá do contrário), o saudosíssimo NICOLAU LOBATO, "condenamo-lo" pela falta de flexibilidade de tácticas... na qual se deve ver a sua morte, pela qual se deve compreender a sua enorme perda.

da guerra. Desta última virtude, fez a sua auto-crítica em Lalime e, hoje, eu penso que aí o nosso grande LIDER errou! Eu penso que errou porque, sobretudo, estávamos em guerra e, durante a guerra, em decisões de guerra, a democracia não deve ter aquele sentido lato que lhes percebemos. Há decisões que devem ser tomadas por um e cumpridas por todos, há assuntos militares que devem ser discutidos por militares e não por todos... a cúpula, porque desejava popularizar a guerra e politizar os comandantes superiores, enfraqueceu a organização militar e os princípios militares (não falo em princípios gerais de guerra) foram absorvidos por quase todos mas, na sua aplicação, os agentes eram mais políticos que militares.

Eu estou a apontar os erros, porque os erros são dos homens (como o Sr. Presidente Joaquim Chissano muito bem afirmou perante o Comité Central da FRELIMO, nos princípios deste mês... em que falou também da necessidade de mudanças e alertou para o cepticismo, confusão e desmoralização entre muitos membros da FRELIMO - ouvimos isso pela Voz da América) e não ofusco a imagem do grande LIDER que sempre foi NICOLAU LOBATO nem outros imortais! Mas, quando apontámos erros, a outros (muitos ou alguns) pareceu que estivessemos insinuando que se tivêssemos sido nós a "liderar" desde aquela altura, as coisas não teriam sido assim... e que, portanto, nós estávamos a portar-nos desonestamente p/ com os nossos IMORTAIS! Alguns pretendem construir comportas no processo e classificar cada nível de água em cada comporta como um processo definido... nas minhas fracas limitações, eu não sei ver assim, não consigo tomar um processo como a água de um lago, que aumenta ou diminui, conforme o tempo das chuvas, que fica azulada e límpida ou se envolve num turbilhão de detritos e de lodo, quando há ou deixa de haver enxurradas, tenho procurado ver o nosso processo como o curso de uma ribeira, desde a sua nascente e se se encontra algum dique construido, ele foi feito p/ uma finalidade mas nunca para definir que a ribeira que acabasse ali e que a partir dali tivesse nascido outra ribeira, assim também dou valor aos afluentes que aumentam o curso da ribeira.

Julgo, meu caríssimo jovem, que está a compreender o cerne da questão. Quando eu disse que eu estava cansado de aparecer como o "boot", eu não estava dizendo que estivesse desanimado... seja porque me tivessem criticado seja porque me tivessem ferido alguma ponta de orgulho. Muitas vezes, ao expressar impensadamente alguma opinião errada e um combatente me chama a atenção, eu peço-lhe desculpas e reconheço que procedi mal. Não, companheiro Ágil, não pense que estou desanimado por que me tivessem rebaixado o "profile", como hoje se usa.

Há apenas necessidade de dizer que eu só não "largo" o dever de Comandante das Falintil, porque eu ultrajaria o sangue dos meus homens e é por isso que não aceito que me chamem de desonesto, nem por "intelectualite" nem por "imoralismo". Aceito os meus erros, todos, e sempre tenho podido reconhecê-los, por dever para comigo mesmo e por dever para com a Pátria. Não luto para ofuscar ninguém e desafio a todos para; no fim da guerra, escrevermos memórias sobre os nossos imor-

tais... a minha pena de "manu tafui" não produzirá "best-sellers" mas saberá enaltecê-los em folhetos de propaganda patriótica!... com o amor e o respeito que eu tenho por eles.

Não luto para ambicionar ser isto ou aquilo e não aceito que me tomem, neste momento, como a esponja dos feitos grandiosos cometidos por outros. Aprendi a servir a Pátria na FRETILIN e, durante a guerra, aprendi a obedecer àqueles que me ensinaram a SERVIR! Luto apenas pela PAZ na nossa terra, luto apenas pelos direitos do nosso Povo, luto apenas pela harmonia entre irmãos, pela liberdade e pela justiça.

Interessantemente, para mim, recebi agora mesmo, o projecto do SIR, enviado pelo irmão RHorta. Digo interessante, porque já há uns tempos para cá, eu magicava qualquer coisa parecida, para o fim da guerra... se chegarmos lá! Já falei muita vez aos meus companheiros que eu só ambicionava continuar a LUTAR no fim da guerra. Eu não desejo participar em política, no sentido restrito de uma organização partidária defendendo os seus princípios e programas, mas no sentido vasto de uma organização cívica que envolvesse todas as pessoas interessadas, de qualquer quadrante político ou social... para discussões abertas de todos os problemas que se fossem apresentando, sócio-culturais, políticos, económicos, ambientais, etc. Essa organização cívica despojar-se-ia, pelos seus princípios, de um carácter de oposição à política deste ou daquele governo. Teria essencialmente um objectivo... debater e analisar com profundidade problemas candentes da sociedade timorense,(sabido como é que um partido adopta sempre uma lente própria para encarar os problemas e, enquanto na oposição, olham para os problemas pela lente aumentativa ~~mas~~, quando estão no poder, viram o binóculo e minizam tudo), e,o mais importante de tudo, com vista a informar e a elevar a maturidade política do nosso Povo na tão difícil participação que se exigirá... na reconstrução de si mesmo e da PÁTRIA! Inclusivamente, tentei convencer, desde há muito, os 2 membros do CC e outros quadros mais preparados... mas ainda não é problema de a para hoje. Todavia, mesmo assim não ambiciono ~~coisa~~ alguma, porque considero que será a outra metade do meu dever - durante a guerra, participar na Libertação da Pátria e, depois da guerra, participar também na libertação do nosso Povo. É assim que eu compreendo que devo servir a LUTA e .... magoa-me, porque não corresponde à verdade, olharem para as minhas declarações como ofuscando o mérito dos demsis.

Eu poderia ser mais insensível, porém ainda não estou suficientemente preparado para evitar de pensar que sou humano. Às vezes, até me ponho a pensar que sou um criminoso, porque aceito a morte dos m/homens e, pior do que isso, falo-lhes para irem ao encontro da morte. É difícil, caríssimo jovem, compreenderem o que me vai na alma. Tenho-a apertada entre a angústia de ~~xxx~~ aceitar o contínuo sacrifício dos meus homens, que são parte do meu próprio corpo, e o dever de os encorajar a morrer pela Pátria... de todos nós, de todos os timorenses. A guerra faz-se com a cabeça, mas, como humanos, somos traídos muitas ve-

~~zes~~

zes e, se evitamos chorar, à frente de todos, a perda de mais um combatente, vamos para a barraca e aí deixamos cair alguma lágrima em sua memória e, nisto tudo, se não suportamos, vacilamos.

Nunca estarei à altura, caríssimo jovem, de vos ensinar algo que seja, mas posso falar-vos para me compreenderem com exactidão e não tomarem como "desânimo" ou algum orgulho ferido, alguma desistência na luta ou algo parecido.

Caríssimo jovem, eu estimo-vos muito, a vós todos, assim como aos meus filhos em Dili e em todo o Timor-Leste,.. os meus homens, os vossos irmãos guerrilheiros, dão a vida por mim, atiram=se com furor ao inimigo, oferecendo os seus peitos às balas para que eu não sofra um beliscão e ... se mais não houvesse para eu considerar... só isto chegará para vós compreenderdes que: desanimar, desistir, abandonar a Luta, etc. Não sei afirmar a mim mesmo que "ha'u la mane" e nem posso dizer "ha'u hanesan feto ida", porque insultaria a MULHER TIMOR!

A eles, já jurei que, em vivendo até ao fim da guerra, não reclamarei nem um "tostão" para comprar tabaco e já prometi ao nosso Povo que a sua horta será a minha horta, as suas casas a minha casa ... porque desejo continuar a servir... o nosso POVO!

É por isso que a mínima insinuação quanto à "inversão dos factos" no sentido de me aparecer como o melhor, dói-me imensamente. Mas já passou, porque vós próprios mo estais a pedir, assim como mo pediram também os vossos irmãos guerrilheiros, como também a organização clandestina e estudantil... depois de tomarem conhecimento da minha carta aberta de mea-cuulpa. As organizações clandestinas e estudantis não me falaram muita coisa e, como vós estais fazendo, apenas me deram mais trabalhos para desenvolver pela Luta. E aqui, as organizações clandestinas e estudantis não me receitaram medicamentos ... mandaram-me, empacotadas em envelopes, muitas dores de cabeça para curar... o reumatismo do pensamento. O meu atrevido e caríssimo jovem, companheiro Ágil, mandou da melhor qualidade e é este remedio que me está permitindo vomitar o que restava do "reumatismo cerebral". Agradeço-lhe a receita TAPOL, mas porque a posologia vinha em inglês e bahasa, já enviei ao farmacêutico para me devolver em ~~dinheiro trocado~~ comprimidos. Agradeço-lhe, mais uma vez, o remédio e fique sabendo que, no fim da guerra, será a si que recorrerei ao menor sintoma de "empanturrite cerebral" ou de alguma "avitaminose intestinal" - isso aí é da enciclopédia dos nossos maqueiros e custou tanto decorá-los... os mais simples são: kakiu, manu-kiduk, etc.

Abraços meus e nossos a vós todos da RENETIL e a si, atrevido, um abração quente de amigo e agradeço a confiança do encorajamento.

Antes que eu me esqueça: muitos beijinhos aos meus netos da cassete. Os guerrilheiros propuseram para eu apadrinhar um ou 2 - mas mauberes, caramba -- e indicaram estes nomes: 1 seria MAU HURAN (MAU bere Hakarak Ukun Rasik AN) e outro, ASWAIN. Eu seria o padrinho-vaca .. nisto, eu ORGULHO-ME, ENVAIDEÇO-ME, VANGLORIO-ME ... A VALER !!!

Maria Lucrécia Gomes Martins Alves

Ps: Desculpem-me a falta de algum acento circunflexo ou agudo ou grave ou trema ou cedilha ou "virgula" ou "ponto" mas ter optado por escrever a c/ Olivais e "Transmissão" ... e eu mau dei Bahasa!!!